

TABITA BRITO S. NASCIMENTO

O sujeito esquizoide no ciberespaço:

entre o desejo e a repressão

CELACC / ECA - USP

2013

TABITA BRITO S. NASCIMENTO¹

O sujeito esquizoide no ciberespaço:

entre o desejo e a repressão

Trabalho de conclusão do curso de pós-graduação (*lato sensu*) em Mídia, Informação e Cultura, produzido sob a orientação do Prof. Dr. Dennis de Oliveira

¹ Tabita Brito S. Nascimento é graduada em Jornalismo pela Universidade Bandeirante de São Paulo e especializada em Jornalismo Digital pelo SENAC. Atua na área de Relações Institucionais e Comunicação da Prefeitura do Campus USP da Capital.

Agradecimentos

Agradeço a todos os autores mencionados aqui, que jamais saberão da devoção que nutro por suas palavras e estudos.

À Professora Lúcia Santaella, pela indicação de literatura apropriada ao tema.

Ao Professor e Mestre Dennis de Oliveira, pela paciência, por sempre ser guiado pela gentileza, boa vontade e especialmente por sua sabedoria, que a todo o momento provocou minha curiosidade e meu desejo de pesquisar a respeito.

Aos colegas da turma do MidCult, que sem dúvida sofisticaram minhas referências e renovaram a minha alegria.

Ao meu companheiro Péricles e ao meu filho Heitor, que passaram a se interessar pelo ciberespaço como mais uma forma de amor e companheirismo.

Resumo

Este artigo procura relacionar a introspecção – traço do sujeito considerado esquizoide – e a necessidade humana de expressar-se como fatores que perdem sua condição antagônica quando intermediados pelo simulacro possível no ciberespaço. Tendo como base a análise de dois endereços alocados no ambiente digital - cujo discurso possibilita a criação de um sujeito montado, costurado, teleguiado – e passando pelos principais conceitos que contornam a questão da esquizoidia: as insatisfações, a sexualidade e o narcisismo.

PALAVRAS-CHAVE: *Esquizoide; Ciberespaço; Sexualidade*

Resumen

Este artículo busca relacionar la introspección - rasgo del sujeto considerado esquizoide - y la necesidad humana de expresarse, dos factores que pierden su estado antagónico cuando rodeados por el simulacro posible en el ciberespacio. Basándose en el análisis tres direcciones ubicadas en el ambiente digital - cuyo discurso permite la creación de un sujeto construido, cosido, teledirigido - y, a la vez, paso por los principales conceptos que contornean la cuestión de la esquizoidia: las insatisfacciones, la sexualidad y el narcisismo.

PALABRAS CLAVE: Esquizoide; Ciberespacio; Sexualidad

Abstract

This article seek to relate introspection - trait the subject considered schizoid - and the human need to express themselves as factors that lose their antagonistic status when mediated by simulacrum possible in Cyberspace. Based on the analysis three addresses allocated in the digital environment - whose speech enables the creation of a subject mounted, stitched, teleguided - and passing by the main concepts that circumvent the issue of schizoidism: dissatisfactions, sexuality and narcissism.

KEY WORDS: *Schizoid; Cyberspace; Sexuality*

SUMÁRIO

Introdução	5
1. Especificidades do mundo pós-moderno	
1.1 O mal-estar	7
1.2 O narcisismo	9
1.3 A sexualidade	11
2. Mediações tecnológicas	
2.1 O ciberespaço	14
2.2 O Simulacro	16
3. Análise de <i>blogs</i>	
3.1 Prefácio	19
3,2 “Escreva, Lola, escreva” e o novo espaço de terapia	21
3.3 “Casa da Maitê” e a violência	23
Considerações Finais	26
Referências Bibliográficas	28

Introdução

O domínio das ferramentas para navegar, penetrar e interagir no ciberespaço tem constituído um novo modo de ser digital que, por conta da própria estrutura, permite ao sujeito a montagem, a bricolagem e a concepção de múltiplas identidades. Com a recorrência dos acessos a este espaço e a sedimentação da identidade construída, o ambiente virtual torna-se referência cognitiva para esse sujeito, que passa a estar permeado por ideologias e instituições sociais hipertextuais. Nesse ambiente, “estas possibilidades de expansão pessoal são ainda mais acentuadas (...) É esta a função etopoiética² de que fala Foucault, de construção de um caráter por meio da narrativa.” (TAVERNARI, 2009, p. 49)

Sendo o ciberespaço um sistema próprio que possibilita a manipulação e a tradução, também composto por elementos heterogêneos em convivência, as mediações, as experiências individuais e as sociais são, necessariamente, acompanhadas da instrumentalização dos processos comunicacionais. Em virtude de sua natureza participativa, o ciberespaço possibilita ao internauta uma experiência de interação com os signos da informática, compostos por multimídia e hipermídia, conforme elenca Santaella (2004), por meio de um *browser* (navegador). Por outro lado, esse fluxo é constantemente interrompido pelo espaço *off-line*, que é ressignificado como um universo paralelo; uma transposição do ciberespaço em que o sujeito imerge numa espécie de hipersubjetividade, enveredada por milhares de possibilidades conceituais e intelectuais.

Constantemente, entre essas possibilidades, o sujeito enxerga no ciberespaço uma alternativa para reforçar um valor individual subjetivo. Em meio a isso, o imediatismo, a efemeridade das relações humanas e a frustração ocasionadas pelo distanciamento entre a vida na rede e a vida real têm-se reforçado como motores de criação de um sujeito esquizoide, montado no ciberespaço – que desponta como local seguro para o exercício de um discurso plural e múltiplo em plena crise de pertencimento da sociedade moderna.

Vítima da cultura do descartável, o sujeito esquizoide é estimulado às mais intensas imersões fora do plano concreto da vivência. O deslocamento a um espaço com

² Do grego *etho* “caráter”, “comportamento”; *poiesis* “criação”.

linguagem e interações peculiares sugere sua transmutação em um sujeito esticado entre realidades polares: *on* e *off-line*. Nesse sentido, a busca pelo entendimento da construção, bem como a abordagem das articulações subjetivas deste sujeito no ciberespaço, pode colaborar para desvendar as consequências de seu comportamento frente à fragmentação de sua identidade.

1 Especificidades do mundo Pós-Moderno

1.1 O mal-estar

As manifestações emocionais, como o mal-estar, estão relacionadas com a existência humana. Elas só podem ser medidas se comparadas entre o “eu” e o “outro”, partindo da perspectiva das regulações sociais vigentes. Com a dissolução das barreiras geográficas e o livre fluxo de pessoas e de capital, novos paradigmas culturais passaram a nortear a sociedade moderna, disseminando-se proporcionalmente às angústias humanas. De acordo com Bauman, a “síndrome consumista” instalada na cultura contemporânea: “destronou a duração, promoveu a transitoriedade e colocou o valor da novidade acima do da permanência” (2007, p. 83).

Sustentada no sistema econômico, a sociedade atual foi marcada pela polarização da renda e da riqueza, da expectativa e das condições de vida e do direito à individualidade. Entre outros fatores, o mal-estar, nesse contexto, é consequência da dualidade e da inconsistência do projeto moderno.

Nesse sentido, o sujeito é o cerne do problema. Possui um caráter fragmentado e está, todo o tempo, desconstruindo-se para adaptar-se às condições instrumentais que o meio exige.

“Os projetos de vida individuais não encontram nenhum terreno estável em que acomodem uma âncora, e os esforços de constituição da identidade individual não podem retificar as consequências do “desencaixe”, deter o eu flutuante e à deriva.” (BAUMAN, 1997, p. 32)

Entretanto, a racionalidade que rege a sociedade moderna não abriu espaços para os “desencaixados”, produzindo, ela mesma, e para manutenção de si mesma, seus sujeitos esquizoides. O termo deriva de *esquizofrenia*³ e foi cunhado pelo psiquiatra alemão Eugen Bleuler, em 1911, para se remeter à divisão da mente do sujeito esquizoide. Está, portanto, relacionado ao campo da psiquiatria, especificamente ao da psicopatologia. Sendo

³ Do grego *schizo* “separado”, “dividido”; *phren* “mente”.

considerado um tipo de transtorno mental, caracterizado pela tendência ao isolamento, ao desinteresse por relações sociais e íntimas, pela frieza emocional e introspecção. Esta última, acompanhada de um fascínio pelo universo interior, marcado por atividades criativas e imaginativas.

No entanto, é o psiquiatra escocês Ronald Fairbairn o primeiro estudioso a relacionar o *sujeito* (ego) e o *objeto* (elementos de formação da personalidade que contribuem para sua individualidade ou dependência), considerando a esquizoidia como uma forma fundamental da constituição psíquica: “The basic position in the psyche is invariably a schizoid position.” (A posição básica na psique é, invariavelmente, uma posição esquizoide) (Melanie Klein, *apud* FAIRBAIRN, 1952, p. 8). Para o autor, a personalidade se estabelece a partir das relações de dependência com os objetos. Porém, essas relações ‘objetais’ tendem a ser insatisfatórias por não corresponderem completamente às necessidades do sujeito. Essa insatisfação inerente é constituída pela estrutura das personalidades, sendo a esquizoidia, portanto, um resultado da cisão do ego central e da repressão do ego libidinal.

A ideia de categorizar esse tipo de indivíduo como “doente” é uma construção cultural, que tende a tratar como diferente esse sujeito minoritário, em um contexto que procura estigmatizar aqueles que não se encaixam no mapa cognitivo, moral ou estético da sociedade em que vivem. Também compreende uma construção cultural porque o próprio diagnóstico é obtido por intermédio de um conjunto de procedimentos subjetivos de estudos dos fenômenos da personalidade humana. Levando-se em conta que a atividade psicanalítica é baseada na análise de comportamentos para detectar o problema e no processo de comunicar, falar, sentir e expressar-se, com o objetivo de obter a cura.

O *esquisito* foi desacreditado, repudiado, e sofreu as investidas do Estado moderno para impedi-lo em suas ameaças à organização estatal; bani-lo e, se necessário, destruí-lo fisicamente. Expulsá-lo, porém, era também conceder-lhe uma chance de retificação, que Bauman denomina como “destruição criativa”. Tudo isso porque sua distinção é útil como indicadora dos rumos da humanidade na busca de si mesma.

Mas mesmo aos adaptados à proposta da ordem moderna, os cenários confiáveis das estruturas sociais e os aparelhos sólidos de sociabilidade e de desenvolvimento humano não deram conta das insatisfações promovidas na Era das Incertezas. A vida contemporânea tornou-se mais do que incerta: assustadora, justifica-se na desordem do mundo, na desigualdade, na efemeridade que encobre os ofícios e os ambientes profissionais,

além do enfraquecimento dos núcleos afetivos, outrora sustentados de forma mais pessoal. Neste âmbito, os meios de comunicação de massa realizam o trabalho de transformar incerteza em benefício, por meio de um discurso da liberdade. Assim, a indeterminação pode ser compreendida com um sinônimo de ‘maleabilidade’. O resultado desse discurso é a diluição das barreiras entre os estranhos e os adaptados, já que essa instabilidade e volubilidade, não são mais exclusividades daqueles marginalizados pelos aparelhos de ordem do Estado, mas um marco fundamental da constituição da identidade. Assim, conforme afirma Oliveira, se consolida “uma cultura do consumo como hegemônica nas interações sociais.” (OLIVEIRA,2009, p. 6)

Entretanto, os *estranhos* ainda não são pontos completamente inseridos na sociedade. Eles retornam da experiência moderna como elemento excêntrico, como fonte de satisfação estética àqueles que podem pagá-los e utilizá-los pelo tempo de duração do prazer que proporcionam. A ruptura com essa dinâmica dá-se em uma parcela da sociedade sem poder de escolha, “experimentando o mundo como uma armadilha, não como um parque de diversões” (BAUMAN, 1997, p. 41). Aqui, é inaugurado outro tipo de manifestação do estranho, em que reações de conflito e exaltação culminam como tentativas de defesa territorial, que Dick Hebdidge descreve como “rituais” (*apud* BAUMAN, 1997).

No cenário líquido-moderno, a liberdade individual é redistribuída injusta e antagonicamente, intensificando as diferenças, responsabilizando os indivíduos por suas inseguranças, incentivando a competição e relativizando as desigualdades sociais as intempéries da vida.

1.2 O narcisismo

Encontramos na literatura médica inúmeros autores e conceitos que definem a natureza humana e investigam as origens de suas psicopatologias. Ao longo das mudanças estruturais das sociedades e dos códigos de conduta, esses conceitos vão se ajustando e irradiando sobre as mais diversas manifestações da vida cotidiana.

Ao propor um diagnóstico holístico do século XX, e circulando pela psicanálise, sociologia, economia e política, Christopher Lash (1983) explora o funcionamento das sociedades capitalistas a partir da década de 1970, diante de importantes eventos como a derrota norte-americana no Vietnã, a estagnação econômica ocidental e a

exaustão dos recursos naturais mundiais, que acabaram por caracterizar um declínio da confiança, especialmente a norte-americana, diante do seu projeto econômico. O autor ressalta o anuviamento das barreiras que diferem a realidade da ilusão, isto como um efeito narcisístico de reação a um passado histórico de violência de guerra, de repressão sexual e de covardias diversas a que foram submetidos os operários fabris da sociedade burguesa do século XIX.

Consequências importantes desses eventos criaram uma espécie de descrédito com relação às experiências coletivas, além de uma cultura de hegemonia do indivíduo e da realização individual. Alimentadas pelo consumo; este, por sua vez, é vendido pela publicidade como um modo de vida, “como a resposta aos antigos dissabores da solidão, da doença, da fadiga, da insatisfação sexual” (LASCH, 1983, p. 102). Nesse sentido, Lasch demonstra profunda sensatez ao compreender em sua investigação a dimensão psicológica e as conexões entre personalidade e cultura, levando sempre em consideração a inatingibilidade absoluta do comportamento coletivo.

“A precisão teórica sobre o narcisismo é importante não só por ser a ideia prontamente suscetível à inflação moralista, mas porque a prática de equacionar o narcisismo com tudo o que é egoísta e desagradável se abrandava contra a especificidade histórica. Os homens sempre foram egoístas” (LASCH, 1983, p. 56)

Porém, a emancipação de grupos oprimidos pela Igreja, pelo machismo e pelas fábricas, traduz-se em um “novo paternalismo da publicidade” (LASCH, 1983, p. 104), um instrumento fundamental da economia do consumo. Seu grande trunfo está na educação das massas ao desejo de obtenção. Soma-se a isso, uma faceta do capitalismo relacionada à produção maciça: a variedade. Logo, com o desejo de obtenção atrelado à variedade de opções, “a satisfação das necessidades humanas básicas e geralmente reconhecidas, cede lugar a uma fabricação ininterrupta de pseudonecessidades” (DEBORD, 1967, *apud* LASCH, 1983, p. 102). Se, por um lado, o sujeito narcisista está relacionado à sua própria subjetividade, angústia e insaciedade, por outro, é vitimado pelas armadilhas do poder, do atual projeto econômico que reconfigurou o processo de socialização tratando o “eu” com urgência e o “outro” como fetiche. Enfraquecendo, assim, a noção de “tempo histórico – em particular, a erosão de qualquer preocupação maior com a posteridade” (LASCH, 1983, p. 25).

Outro mecanismo do poder evidenciado nessa análise é a apropriação de definições psiquiátricas para sancionar as relações profissionais, amorosas, familiares e, especialmente, entre indivíduos e instituições. Como uma manobra que despolitiza, sutilmente, a sociedade, enfraquecendo o papel da cidadania e reforçando a necessidade do “indivíduo versado”, técnico, especialista, para mediar o caminho entre o fundamento e o intérprete e dispensando, assim, o esforço próprio para a compreensão das questões cotidianas.

Além dos sintomas clássicos do narcisismo psicológico – como consciência individual percebida a partir da comparação com o outro, sensação de vazio interior, ódio reprimido e desejos orais insatisfeitos – a sociedade terapêutica conta agora com os efeitos de sua dimensão social – como medo da velhice e da morte, senso de tempo alterado, fascínio pela celebridade, culpa e temor da competição, domesticação do instinto – cuja terapia, com seus apelos à consciência, não é capaz de tratar. E mais do que isso, a sociedade terapêutica retroalimenta essa condição, levando o sujeito narcisista a galgar visibilidade no plano privado e em instituições que “valorizam a manipulação de relações interpessoais, desencorajam a formação de ligações pessoais profundas e, ao mesmo tempo, dão ao narcisista a aprovação de que ele precisa para validar sua autoestima” (LASCH, 1983, p. 69).

1.3 A sexualidade

Pensamos em desejo, pensamos em prazer. O prazer sexual é, talvez, um dos mais eficazes e um dos poucos fios condutores ligando os universos virtual e real. Ainda que a criatividade, a memória e o desejo tenham sido provocados no plano da imaginação, é no plano da vivência que ele se consoma.

Em uma perspectiva peirceana⁴, a linguagem enquanto prática de sentido é um espaço de interação e mediação entre seres sociais que somos. Por isso, a importância da linguagem como necessidade humana - legitimada e reforçada pela Igreja no discurso do sexo – conforme afirma Foucault (1988), que permanece como vetor fundamental da *internet* e dos novos modelos de disseminação da informação nos veículos de comunicação.

⁴ Charles Sanders Peirce.

Para Foucault, falar do *sexo* é uma característica marcante da sociedade atual. Mesmo a questão da repressão, para o autor, vem da legitimidade do discurso sobre o qual é proferido: relacionado à confissão católica e às “orelhas em locação” (numa clara crítica ao método de Freud). Demonstra que as origens do discurso sobre o sexo são, na verdade, repressoras e associadas ao constrangimento. Por outro lado, procura discutir, e talvez desmistificar, a ideia do discurso da opressão sexual e do ato sexual em si estarem fadados à proibição. Como exemplo: “o simples fato de falar dele e de sua repressão possui como que um ar de transgressão deliberada (...) há dezenas de anos que nós só falamos de sexo fazendo pose.” (FOUCAULT, 1988, p. 8).

A sociedade moderna concebeu, entre os séculos XVI e XVII, uma revolução educacional que desviou parte do processo de amadurecimento, do âmbito da vida individual para a vida coletiva, conferindo à família o papel de supervisionar esse processo. Seja na forma de planejamentos e interferências, a fim de “desenvolver a razão da criança como uma espécie de fortificação deixada pelo mundo do adulto dentro da personalidade da criança” (BAUMAN, 1997, p. 178). Uma segunda etapa dessa revolução consistiu na separação espacial destes que necessitavam de tratamento peculiar, diferentemente dos hábitos praticados até o século XI, em cujas casas familiares não havia acomodações específicas para as crianças. Fato é que não havia sinais visíveis ou simbólicos para a demarcação do “status da infância”: elas eram tratadas “de modo não muito diferente do que *adultos de tamanho menor*” (BAUMAN, 1997, p. 177).

A partir do século XVII, e com o deslocamento da identidade para o plano da competência individual, passou-se a compreender a criança como uma criatura incompleta, e que não poderia ser deixada à mercê de sua natureza. Essa constatação, no nível doméstico, levou à criação de barreiras nas casas e de espaços reservados às atividades da vida adulta, declaradamente proibidas às crianças. Em um nível social, esse comportamento se transfere para a vida da criança para além do âmbito familiar. Bauman resgata em “A redistribuição pós-moderna do sexo”⁵ o papel da família no começo do século XIX, que não era tida como o mais eficiente meio de controle social e esforço educacional.

“Daí a força rapidamente mobilizadora do movimento pelas escolas paroquiais de domingo, introduzidas em todo o país com o fim, ostensivo, de

⁵ Capítulo XI de “O mal estar da pós-modernidade”.

proporcionar de outra maneira a instrução que faltasse, mas inspirada, em primeiro lugar, pelo desejo de manter a criança longe da travessura durante seu tempo “livre”, isto é, não-supervisionado” (BAUMAN, 1997, p. 179)

Fora desse tempo livre, neste momento a criança já conta com aparelhos de construção de seu “amadurecimento”. Além da Igreja, as crianças nobres passam a servir em outras cortes, os filhos dos artesãos aprendem o ofício na residência de outros amos e das crianças mais pobres esperava-se que se dedicassem ao trabalho assalariado, assim como seus pais.

Como podemos observar em Foucault, ao considerar que as mudanças pelas quais a família passou, além da reconfiguração do espaço social, foram estratégias dos mecanismos de poder, que se utilizou de temas como o sexo para sua disseminação. Nesse sentido, um aliado da hierarquia do poder foi o discurso, que uniformizou os valores da sociedade, como se a ênfase no plano da linguagem pudesse ser um forte aliado para essa regulação e controle. Logo, não se tratava de censurar o sexo e, menos ainda, o discurso sobre ele, mas de proliferar métodos de acesso às mais variadas manifestações desse tema nas ações e mentes humanas, com o fim de se estabelecer o limite entre o lícito e o ilícito. Assim, ao contrário da busca pelo recato por meio do silêncio, “a característica de nossos três últimos séculos é a variedade, a larga dispersão dos aparelhos inventados para dele falar, para fazê-lo falar, para obter que fale de si mesmo, para escutar, registrar, transcrever e redistribuir o que dele se diz” (FOUCAULT, 1998, p. 34).

A Educação e a Medicina auxiliaram na solidificação desses valores e na justificativa da vigilância por parte dos pais. Para além da preocupação e pânico em torno da questão da masturbação infantil, por exemplo, o método de supervisão da sexualidade revelou traços dos mecanismos do poder até a modernidade. E nesse sentido, o vício da criança não era tanto um inimigo, mas um suporte para a intervenção do poder na sexualidade e na redução das sexualidades singulares, excêntricas e, por que não, esquizoides.

Foucault utilizou o termo “polícia do sexo”, recorrendo a uma metáfora militar para descrever os valores sob os quais funcionavam as instituições disciplinadoras do projeto moderno. Mesmo não sendo a arma mais eficaz nessa estrutura social, a família foi a grande mantenedora:

i da prerrogativa sexual masculina, designando um lugar longínquo, fora dos olhos fiscalizadores da família e da Igreja, para o sexo ilegítimo e para o discurso clandestino.

“Se a predisposição natural das mulheres para a histeria e das crianças para a masturbação requeria seu fechamento no espaço estreitamente vigiado da casa da família, onde estariam sempre disponíveis para a inspeção, e justificavam a exigência contínua de confissão, fiscalização e cuidado médico, a noção da tendência natural do homem para a poligamia e intercurso sexual com mais de uma mulher demandava, ao contrário, um espaço mais amplo do que o da casa familiar, bem como o direito ao sigilo e a um espaço privativo.” (BAUMAN, 1997, p. 182)

ii da lógica do patriarcado, por meio da histerização do corpo da mulher, da pedagogização do sexo da criança, da socialização das condutas de procriação e da psiquiatrização do prazer “perverso” (FOUCAULT, 1998, p. 100); especificamente neste, tornando-o objeto de estudo e categorizando como patologia toda conduta sexual fora do circuito “casal-legítimo-heterossexual”, procurando para estes métodos corretivos.

2 Mediações tecnológicas

2.1 O Ciberespaço

A noção de ciberespaço está relacionada, de fato, ao espaço; mas ao espaço sideral. O termo, empregado pela primeira vez em 1984 no romance *Neuromancer*, de William Gibson, designava uma espécie de “constelação” de dados no universo híbrido e ubíquo das redes digitais. Embora difuso, o conceito de ciberespaço pode ser comparado a uma extensa centopeia, cujo corpo é, simultaneamente: a navegação na realidade virtual, as informações produzidas ou expressas nele e as relações sociais propiciadas por ele; além de seus numerosos segmentos e dispositivos de funcionamento; como o hipertexto, as interfaces gráficas, os *videogames*, as mídias interativas e a própria iconologia dos meios de acesso até o ciberespaço. Essa dinâmica remonta o universo cultural mítico ancestral, onde a representação era o próprio objeto, porém, neste caso, o objeto passa a estar na esfera da percepção, e não é mais representado pelo que se sabe dele, mas pelo que dele se vê.

Alguns autores, como Virilio (2000), destacam, de maneira um tanto depreciativa, os desdobramentos da cibercultura para a História, para o sujeito e para as interações sociais. Por privilegiar a imagem, o ciberespaço articularia um processo de desvalorização da memória e dos discursos, utilizando-se de uma linguagem

antiabstracionista, facilitando a tradução dos fenômenos da personalidade humana em linguagem inteligível, além da leitura dele e a interferência nele, configurando um panorama de exaustão do pensamento e da crítica, que se reverbera para outras dimensões da vida social. Nesse sentido, Ciro Marcondes Filho concluiu: “A civilização da imagem não está muito interessada na elaboração mental do processo, mas no agir sobre ele” (in ATRATOR ESTRANHO, 1995, p. 15). Para Philippe Quéau, “quanto mais se desenvolvem os instrumentos de mediação cognitiva, mais eles têm a tendência a se substituírem à realidade que deveriam ajudar-nos a perceber” (PARENTE, 1957, p. 97). Por estar localizado no que o próprio Quéau denominou *préter-real* - do latim *praeter* (ao lado de, paralelo) - esse não-lugar está vinculado à luz. E porque recorremos às propriedades da luz para moldar o imaterial, a velocidade do trânsito informativo é potencializada.

No ciberespaço, não é necessário estar arrumado, montado, preparado de fato; pode-se “sentar escarranchado” (BAUMAN, 1997) porque a figura de você, seu *préter-real*, está lá, ereta e apresentável sempre. Ele é ambivalente como é o “estranho” descrito por Bauman. Ao mesmo tempo em que ele existe como território seguro, um reduto da resistência do esquizoide, é também uma realização do projeto moderno fora do plano concreto da vivência. “Em grande parte como essa ordem global que coletivamente subscreveu os esforços individuais pela vida, a identidade do indivíduo foi lançada como um projeto (...), devia ser erigida sistematicamente” (BAUMAN, 1997, p. 31). Apesar de sua sensualidade, a adaptação à linguagem do ciberespaço descortina uma moeda de troca em favor da aceitação. Auto-repressão e metamorfose; repulsa e desejo atravessam essa relação. E ambos os sentimentos são absorvidos pelo ciberespaço, onde a dimensão de comportamentos reprimidos ativa a curiosidade, elemento que propicia a introspecção, a procura e o favorecimento das questões subjetivas, e que encontram nesse ambiente certa facilidade para se expressar, seja de forma textual, imagética, poética ou híbrida, na busca pelo preenchimento interior.

Nesse sentido, o sujeito moderno pareceu remontar a sociedade industrial, criticada por Marcuse, que descreveu o *one dimensional man* – enclausurado, cercado de parafernálias tecnológicas e utilitárias, portador da ‘consciência feliz’ e encontrando, se não, essa felicidade nos equipamentos tecnológicos que possui.

“As pessoas participam de um mundo cada vez mais brutal, violento - à nossa porta acontecem a cada dia mais formas de mutilamentos, assassinatos

– e se fecham nesse mundo feliz e possível, acessível a partir do momento em que entram nos sistemas virtuais”. (in ATRATOR ESTRANHO, 1995, p. 16)

De acordo com Santaella (2008), com a introdução dos equipamentos móveis, e do que a autora indica como “mídia locativa”, o ciberespaço passou a compor os espaços intersticiais – “bordas” entre espaços digitais e físicos, de onde não há a necessidade de se retirar para conectar-se. “(...) têm a tendência de dissolver as fronteiras rígidas entre o físico, de um lado, e o virtual, de outro, criando um espaço próprio que não pertence nem propriamente a um, nem ao outro” (SANTAELLA, 2008, p. 21). Essa faceta ressignificou a relação do usuário com a *internet* e com o espaço físico, misturando a realidade das culturas em uma “trama hipercomplexa do imenso e fervilhante caldeirão de identidades, estilos, gêneros, técnicas, práticas, tecnologias, mídias e misturas constitutivas dos hibridismos das culturas contemporâneas” (SANTAELLA, 2008, p. 22).

Atualmente, o ciberespaço também configura um espaço coletivizado real que, no passado, representava um território subjetivo e romantizado. Ainda que houvesse processos que o socializassem, o imaginário se dava no plano mental, “como ocorria com a Literatura” (ATRATOR ESTRANHO, 1995, p. 9). Com a rápida multiplicação de espaços autorais, o ciberespaço constitui-se também como amplificador da voz das minorias, bem como favorecedor das trocas, “contrabalançando as forças contrárias exercidas pelo poder dissimulado do rastreamento e vigilância” (SANTAELLA, 2008, p. 24). Assim, estabelece-se a cibercultura, ou a Cultura do Ciberespaço, “a partir do movimento social multiforme que ela gera, de acordo com a originalidade de seus dispositivos de comunicação, demarcando as novas formas de laços sociais que ela sela no silêncio ricamente povoado do Ciberespaço” (LÉVY, 2009, p. 232).

2.2 O Simulacro

Assim como Bauman, Chauí nos apresenta, com verdades afiadas, todo o aparato que mantém o palco de nossas realidades. Simbolização, nulificação e espetacularização do real – espetacularização, aqui compreendida, como aglutinação dos

sentidos de *speculare*⁶, *spetaculum*⁷ e *specto*⁸, ressignificados em “conhecimento como operação do olhar e da linguagem” (CHAUI, 2006).

Esse cenário é reforçado pelos novos formatos linguísticos adotados pela mídia, especialmente, aponta Chauí (2006), nas programações de rádio e transmissões televisivas, marcadas pela equivalência de assuntos, banalização dos fatos e demasiada importância creditada às opiniões, abolindo assim a memória dos acontecimentos reais.

“As relações sociais e políticas, que são mediações referentes a interesses e a direitos regulados pelas instituições, pela divisão social das classes e pela separação entre o social e o poder político, perdem sua especificidade e passam a operar sob a aparência da vida privada, portanto referidas a preferências, sentimentos, emoções, gostos, agrado e aversão”. (CHAUI, 2006, p. 9)

Tais experiências empobrecedoras são promovidas pela imprensa em sua busca pela manifestação pública de sentimentos em detrimento da opinião pública. A autora cita como exemplo, o episódio de uma emissora brasileira que conseguiu, com exclusividade, entrevistar o então líder líbio, Muammar Kadhafi, em 1986, após o bombardeio de sua casa por tropas aéreas norte-americanas. Na ocasião, a reportagem ignorava as motivações e consequências daquele fato para a geopolítica no Oriente Médio, privilegiando perguntas como “sente saudades de sua família?” e “o que sentiu durante o ataque?”. Chauí observa que a partir desse discurso fica estabelecida uma divisão entre o entrevistado – o ser que sente – e o apresentador – o ser que pensa; “e, graças ao seu saber, explica o acontecimento” (CHAUI, 2006, p. 10).

Outro exemplo da conduta midiática é apontado, pela autora, diz respeito à ocasião da missa de aniversário de 436 anos da cidade de São Paulo, quando prefeito e governador estavam presentes, bem como a imprensa, interrompendo a todo instante a cerimônia para descrever seus desdobramentos aos telespectadores e reafirmando uma postura que seria característica da mídia pelos próximos 23 anos: a metalinguagem. Quem acompanhou a missa pela televisão não viu o evento, mal pôde assisti-lo e, tampouco, pode

⁶ Ver com os olhos do espírito.

⁷ Festa pública.

⁸ Ver, examinar, acautelar.

tirar suas próprias conclusões; viu, na realidade, a simbolização dele, a descrição dele, “seu simulacro” (CHAUÍ, 2006, p. 15).

A presença constante da imprensa nos grandes eventos transformou sua dinâmica, logística e estrutura, fazendo com que a cobertura midiática passa-se a ser elemento estratégico de seu planejamento. Nesse sentido, Chauí resgata o conceito de *telegenia*, de Umberto Eco, e menciona o casamento do Príncipe Charles, de Gales, com Diana Spencer, em 1981, transmitido ao vivo, via satélite, para todo o planeta. A programação do casamento levou em conta até a cor do esterco dos cavalos da realeza, que receberam pílulas especiais, para preservar o aspecto *telegênico* e colaborando para o que Eco chamou de “evento-encenação” (ECO, 1990, p.196).

Com a privatização e multiplicação dos veículos de mídia, os fatos cotidianos passam a ser reescritos de acordo com os desígnios do poder e sob a égide da economia neoliberal. Fragmentação da produção econômica, hegemonia do capital financeiro, rotatividade da mão de obra, descartabilidade de produtos, obsolescência da qualificação pelo surgimento de novas tecnologias, desemprego estrutural, exclusão social, desigualdade econômica, esgotamento político, despolitização do indivíduo. Todos estes mecanismos representativos da condição pós-moderna cujos efeitos resultaram no encolhimento do espaço público e no alargamento do espaço privado.

Podemos incluir aqui, a alteração da compreensão do espaço-tempo pelo redimensionamento do agir social e pela expansão do mercado econômico. Um novo conceito de tempo é concebido; não mais o tempo cíclico dos povos primitivos, e também não mais analógico, mas um tempo simulado. “A fragmentação e a dispersão do espaço e do tempo condicionam sua reunificação sob um espaço indiferenciado – plano de imagens fugazes – e um tempo efêmero desprovido de profundidade.” (CHAUÍ, 2006, p. 32).

Cabe aqui lembrar a ideia de tempo “real” de Virilio, associada ao “tempo de exposição”, como no processo fotográfico, e ao “tempo volume”. Para ele, o presente tem primazia sobre o passado e o futuro, e enseja a chegada de um tempo mundial, que liquida a multiplicidade dos tempos locais e “configura uma perda considerável para a história.” (VIRILIO, 2000, p. 87). Dessa forma, o cotidiano não é mais aquilo que se vive, mas o que é visto, apresentado e oferecido pela indústria midiática.

3 **Análise de blogs**

Mantendo como diretriz metodológica as questões que derivam da sexualidade, das insatisfações e do narcisismo, serão visitados, a seguir, alguns fenômenos midiáticos no âmbito do ciberespaço, essencialmente *blogs* autorais, cujo conteúdo textual e hipertextual figura o objeto analítico desta pesquisa.

Trata-se de um terreno escuso, mas estimativas do site Technorati⁹, um dos maiores diretórios de *blogs*, consideram que exista, atualmente, cerca de 200 milhões de *blogs* no mundo. Em sua última publicação¹⁰, o Technorati mapeou a situação atual da blogosfera, e apontou os EUA como o país com maior número de *blogs* no mundo. De acordo com a pesquisa, a América Latina é menos representativa do que a América do Norte, mas dados percentuais não foram divulgados. Diante desse universo abissal, a escolha resultou da comparação da literatura proposta com os conteúdos hipertextuais dos *blogs* elencados, empregando conceitos da análise discursiva e da identificação de elementos tidos como esquizoides na semântica do *corpus* proposto.

Concordando ou não entre si, é notório, em cada *blog* analisado, a construção de uma identidade personalizável no ciberespaço, atravessada pela questão do esquizoidismo, já que neste ambiente o “eu” é linguagem, e esta, enquanto propriedade fenomenológica, é relacionada à representação e interpretação do mundo. Tais interpretações não são capazes de se furtar do auto-questionamento, pois o *sujeito* é pedra angular do cenário pós-moderno.

Em ambos os *blogs*, uma dimensão é comum, embora a abordagem em cada um seja única: o corpo enquanto objeto comunicatório. Relegado ao campo do funcionalismo reprodutivo, o corpo, especialmente o feminino, foi também associado ao prazer masculino e ainda parece ser objeto de controle em favor da moralidade: desde as lacônicas respostas governamentais ao aborto à estigmatização da conduta sexual da mulher dita “liberal”.

Para além do exibicionismo e individualismo – as tradicionais referências ao narcisismo – nota-se o trânsito entre dimensões, cujo veículo é o próprio corpo; talvez a mais evidente linha que ainda os separa.

⁹ <http://technorati.com>

¹⁰ Disponível em: < <http://technorati.com/social-media/article/state-of-the-blogosphere-2011-introduction> >. Acesso em: 01 abril 2013.

“O corpo, esse real que não passa pelo simbólico e que, portanto, acaba escapando até do simbólico das novas tecnologias, tornou-se o único lugar onde ainda se pode articular alguma coisa, inclusive uma ética (...) é como se o corpo tivesse virado o último reduto e a resistência.” (Atrator Estranho - Tempo Real, Espaço Virtual, p. 32)

Contudo, a imagem do corpo não está livre da dinâmica destas dimensões (espaço real – onde o corpo sofre as exigências e a tirania da atualidade – e do espaço digital – onde aparece como ilustrador que compactua com uma realidade verossímil).

3.1 “Escreva, Lola, escreva” e o novo espaço de terapia



Ilustração 1: *Blog Escreva, Lola, Escreva*

O *blog Escreva, Lola, Escreva* foi idealizado e é alimentado pela Prof. Dra. Lola Aronovich, docente na Universidade Federal do Ceará. De acordo com o próprio perfil, é um espaço onde se fala “de feminismo, cinema, literatura, política, mídia, bichinhos de estimação, maridão, combate a preconceitos, chocolate”. A multiplicidade de assuntos é apontada por Chauí (2006) como característica atual das mídias, que também foram atingidas pelos impactos da fase pós-industrial e da transição à economia neoliberal, entre eles a preponderância da vida privada e a multiplicação dos veículos de comunicação.

Em pelo menos duas postagens¹¹, Lola expõe mensagens enviadas ao *blog* por mulheres que denunciam situações de violência, ofensa e represálias ocasionadas por homens e resultado do padrão vigente de masculinidade.

“Estamos falando aqui de homens doentes. Homens que odeiam mulheres e têm várias perversões psíquicas. Eles se esforçam boa parte de suas vidas para ter dinheiro a ser empregado na humilhação de mulheres, então, pode-se dizer que, quando eles perseguem uma mulher, estão realizando um objetivo de vida” (ver ref. 10).

Embora Chauí (2006) e Lasch (1983) façam duras críticas à formação de uma sociedade terapêutica, munir com estas narrativas os espaços imateriais – que têm se transformado em verdadeiros e mais eficientes espaços de interação – desponta aqui, justamente, como um mecanismo de anulação da “psiquiatrização” da sociedade, descrita por Lasch. Como uma alusão ao Iluminismo, o clima contemporâneo não é de religiosidade, mas de esclarecimento e racionalidade. Entretanto, diferentemente do século XVIII, o utilitarismo difundido pela “terapeutização” da sociedade moderna é voltado para o bem-estar individual e momentâneo, necessários à constante sensação de insegurança plural do indivíduo diante da incerteza da morte, potencializada pelas catástrofes naturais, pelas armas químicas e virais desconhecidas, pela burocracia dos aparelhos estatais e pela violência, muitas vezes minimizada pelos sistemas jurídicos.

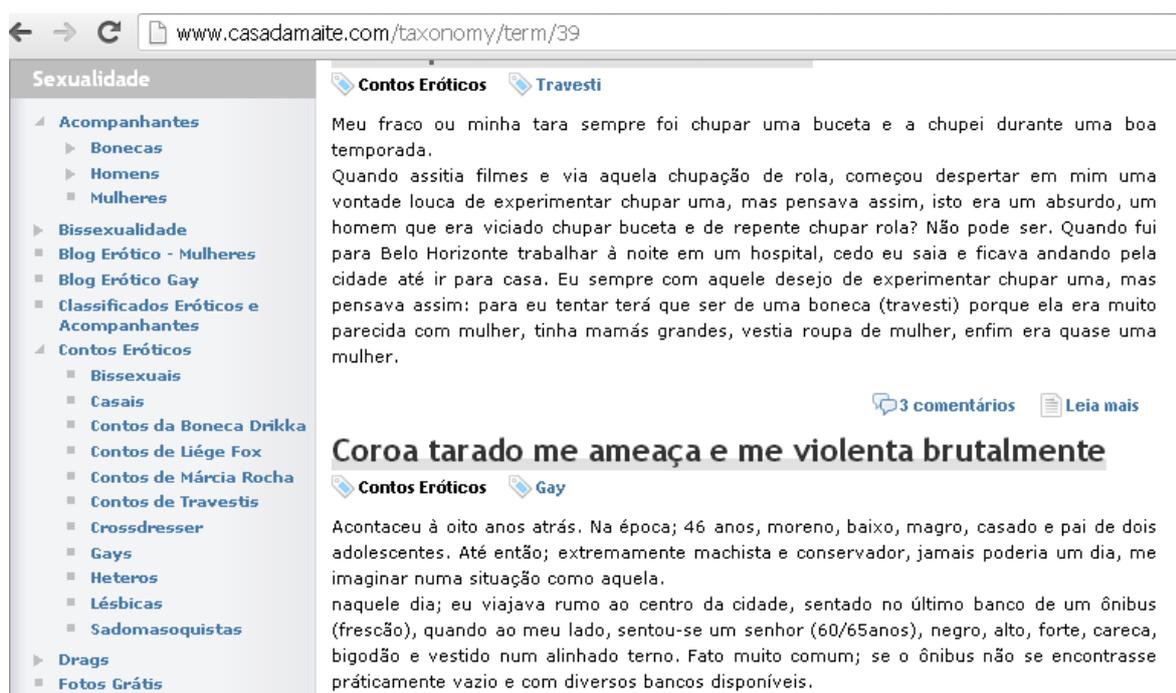
A preocupação em expor sentimentos, tornando-os públicos, traduz-se em *Escreva, Lola, Escreva*, particularmente, por meio do feminismo enquanto caminho de oposição às propriedades do machismo. Quando se discute a questão do machismo em seu caráter mais violento, Lola defende o que chama de “cultura do estupro”, como reprodutora da lógica do patriarcado, bastante enraizado nos valores societários a ponto de ser quase imperceptível no cotidiano (no imaginário e na reação, inclusive das mulheres). “Criamos uma espiral de silêncio, torcendo para que, se ninguém tocar no assunto (a menos que seja pra fazer piada; aí pode!), o estupro desapareça”¹². Nesse sentido, ao dar voz a relatos de

¹¹ “O ex-namorado que me estuprou reapareceu”. Disponível em: <<http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2013/04/o-ex-namorado-que-me-estuprou.html>>. Acesso em: 23 abril 2013 e “Meu marido mascu”. Disponível em <<http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2012/10/guest-post-meu-marido-mascu.html>>. Acesso em: 23 abril 2013.

¹² Disponível em <<http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2012/06/estupro-um-culto-masculinidade.html>>. Acesso em: 30 abril 2013.

violência e estupro, o *blog*, na verdade, ocupa-se da compreensão dos problemas sociais e das questões relativas à condição humana atual, e pretende refletir sobre os complexos percursos pelos quais passam a cultura e a sociedade moderna, como o equacionamento da percepção de si mesmo por meio da projeção das ansiedades individuais.

3.2 Casa da Maitê” e a violência



The screenshot shows a web browser window with the URL www.casadamaitê.com/taxonomy/term/39. The page is titled "Sexualidade" and features a sidebar with a taxonomy of categories. The main content area displays two entries under the "Contos Eróticos" category. The first entry is titled "Coroa tarado me ameaça e me violenta brutalmente" and includes a short text snippet and a "3 comentários" button. The second entry is titled "Coroa tarado me ameaça e me violenta brutalmente" and includes a longer text snippet.

Sexualidade

- ▶ Acompanhantes
 - ▶ Bonecas
 - ▶ Homens
 - ▶ Mulheres
- ▶ Bissexualidade
 - ▶ Blog Erótico - Mulheres
 - ▶ Blog Erótico Gay
 - ▶ Classificados Eróticos e Acompanhantes
- ▶ Contos Eróticos
 - ▶ Bissexuais
 - ▶ Casais
 - ▶ Contos da Boneca Drikka
 - ▶ Contos de Liége Fox
 - ▶ Contos de Márcia Rocha
 - ▶ Contos de Travestis
 - ▶ Crossdresser
 - ▶ Gays
 - ▶ Heteros
 - ▶ Lésbicas
 - ▶ Sadomasoquistas
- ▶ Drags
- ▶ Fotos Grátis

Contos Eróticos **Travesti**

Meu fraco ou minha tara sempre foi chupar uma buceta e a chupei durante uma boa temporada.

Quando assitia filmes e via aquela chupação de rola, começou despertar em mim uma vontade louca de experimentar chupar uma, mas pensava assim, isto era um absurdo, um homem que era viciado chupar buceta e de repente chupar rola? Não pode ser. Quando fui para Belo Horizonte trabalhar à noite em um hospital, cedo eu saia e ficava andando pela cidade até ir para casa. Eu sempre com aquele desejo de experimentar chupar uma, mas pensava assim: para eu tentar terá que ser de uma boneca (travesti) porque ela era muito parecida com mulher, tinha mamás grandes, vestia roupa de mulher, enfim era quase uma mulher.

3 comentários [Leia mais](#)

Coroa tarado me ameaça e me violenta brutalmente

Contos Eróticos **Gay**

Aconteceu à oito anos atrás. Na época; 46 anos, moreno, baixo, magro, casado e pai de dois adolescentes. Até então; extremamente machista e conservador, jamais poderia um dia, me imaginar numa situação como aquela.

naquele dia; eu viajava rumo ao centro da cidade, sentado no último banco de um ônibus (frescão), quando ao meu lado, sentou-se um senhor (60/65anos), negro, alto, forte, careca, bigodão e vestido num alinhado terno. Fato muito comum; se o ônibus não se encontrasse praticamente vazio e com diversos bancos disponíveis.

Ilustração 3: *Blog de contos eróticos – site Casa da Maitê*

Casa da Maitê é um portal. E embora o termo se refira a um ambiente com temas variados e atuais, o acesso remete a um lugar onde o sujeito pode se despojar de sua realidade e não apenas visitar, mas descrever suas fantasias por meio de relatos. No portal, mantido pela atriz transexual Maitê Schneider, há diversos *blogs*; entre eles o “Blog Erótico”, com contos eróticos que envolvem temas como zoofilia, bissexualidade, homossexualidade, heterossexualidade, travestismo, *crossdresser*, sadomasoquismo, incesto, dentre outros.

O portal é um espaço muito rico e de lá derivam inúmeros pressupostos de pesquisa, no entanto tomaremos, sem tanta pretensão, apenas um objeto. Trata-se do conto

“Comeram meu marido”¹³. Este conto, assim como os demais, foi enviado para publicação por um usuário/autor anônimo. Nele, é descrita uma situação em que um casal, durante as férias em uma praia, é atraído sexualmente por três homens que também estão ali. Ao se juntarem no mesmo espaço, o trio convida o casal para manter relações sexuais e, mesmo diante da negativa, são coagidos de diversas maneiras e acabam cedendo, inclusive sob ameaça violenta à integridade física de ambos, como narra o trecho: “Jorge disse que se concordássemos nós até nos divertiríamos, mas caso contrário, nós poderíamos nos machucar”.

O elemento que confere à narrativa o tom erótico é a estilística empregada na descrição, própria de uma escrita sensual. Ela maquia o sentido mais evidente do fato, que é a descrição de um estupro múltiplo, e demonstra a fluidez e detalhamento de diálogos sexuais impraticáveis nas relações interpessoais cotidianas.

Como aponta Foucault (1988), a fiscalização do sexo e a repressão do desejo desviam-se em outros processos linguísticos, que, na dimensão do ciberespaço, tanto podem ser novamente repressivos e panóptico de sustentação do moralismo, quanto direcionados apenas à questão do prazer, da sensação e da fantasia, aspectos lúdicos do comportamento que vão se dispersando da vida real à medida que esta relega seus atributos ao âmbito da arte, “convertendo a ficção artística em um refúgio da verdade” (BAUMAN, 1997, p. 157).

Embora a autora do *blog* assuma uma postura política a favor dos direitos dos homossexuais, em *Casa da Maitê* o elemento da diversidade sexual não é questionador do *status quo*, mas “fetichizado” enquanto produto do diferente, e como tal, sua aceitação reforça o peso do *ad referendum* dos valores tradicionais.

No primeiro livro da obra *O Capital* (1867)¹⁴, Karl Marx postulou uma teoria do capitalismo e, utilizando o método dialético, critica e analisa os desdobramentos da economia para o trabalho e as interações humanas. No mesmo volume, Marx denomina como “Fetichismo da Mercadoria”, um fenômeno que destaca o elemento “mercadoria” do processo histórico e da forma social que o permeia. Por serem produto do trabalho, as variáveis “duração”, “quantidade” e “qualidade” interferem no valor do uso que os homens atribuem às mercadorias.

¹³ Disponível em: < <http://www.casadamaite.com/node/417> >. Acesso em: 03 março 2013.

¹⁴ Disponível em <<http://www.marxists.org/portugues/marx/1867/ocapital-v1/vol1cap01.htm#24>>. Acesso em 08 de maio de 2013.

“a forma mercadoria e a relação de valor dos produtos do trabalho [na qual aquela se representa] não tem a ver absolutamente nada com a sua natureza física [nem com as relações materiais dela resultantes]. É somente uma relação social determinada entre os próprios homens que adquire aos olhos deles a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas.” (MARX, Karl **O Capital**, disponível no site <<http://www.marxists.org/portugues/marx/1867/ocapital-v1/vol1cap01.htm#24>>, acessado em 08/05/2013)

Nesse sentido, a diversidade sexual no conto erótico é ressignificada de forma isolada do processo histórico e realocada em um cenário simulado que despreza a questão da homofobia e da discriminação de gênero e acaba, de certa forma, anulando os esforços das militâncias pela liberdade de orientação sexual.

Em nada comparado ao amor livre, disseminado nos anos 1960 como transgressor da ordem vigente, a pretensa liberdade do autor do conto “Comeram meu marido”, bem como dos leitores dos contos eróticos da *Casa da Maitê*, não evidencia um rompimento com uma cultura de exclusão, perseguição e rechaço da conduta homossexual e poligâmica.

Considerações Finais

Durante o período de observação de endereços alocados no ciberespaço, e tendo em mente os apontamentos dos autores aqui visitados, pude observar que a maioria dos blogs autorais foge, em parte, da estética asséptica dos tempos líquidos, equilibrando-se entre a exposição e o protesto. Não obstante, estes blogs revelaram, ainda, sujeitos oprimidos pela angústia, pressionados pela competitividade, insatisfeitos e cínicos; traços que Bauman (1997) indica como variáveis da modernidade líquida, mas também traços que marcam a própria narrativa desse sujeito no ciberespaço, reforçando a noção do indivíduo produzido em um espaço e por meio de uma linguagem que compõem o organismo desse indivíduo.

Em tempos de frequentes recorrências aos jargões psicanalíticos e aos recursos emprestados das mais diversas ciências, debruçar-se sobre seus meandros teóricos torna-se tarefa imprescindível na busca por uma análise plural, e não necessariamente oposicionista.

Na prática, é no âmbito civilizatório que o papel destas teorias é exposto. Reconhecer, portanto, a concepção de um elemento independente, a partir de uma devida articulação entre a dimensão psicológica e social constituiu a metodologia deste trabalho; e este elemento é, sem dúvida, a subjetividade. É ela o objeto de transição entre os *status* societários; é ela a expressão do que há de mais intrínseco no espírito humano; é também o meio pelo qual foram reconhecidas as representações dos fenômenos mentais inconscientes. Como consequência, foi pela via da subjetividade que os modelos de relacionamento foram reconfigurados, e por meio dela, a humanidade acessa um novo patamar de inteligência coletiva no universo multidirecional das redes digitais.

Nesse sentido, surgem novas formas de cognição no sujeito, bem como novas habilidades de leitura oriundas dos novos suportes eletrônicos e das estruturas não lineares do texto no ciberespaço. Tecido no simulacro, o ciberespaço não é um braço da realidade que pode contribuir para a reflexão e relativização do âmbito da vivência; ele configura um espaço de fuga, um respiradouro, onde é possível estar, sem se mover; conhecer, sem se transportar; saber sem pesquisar; ter sem adquirir; criar laços sem se relacionar; amar sem tocar. Estes elementos constituem um processo de adequação do sujeito baseado na repressão e liberação dos instintos, conforme o espaço em que se inserem. Por essa razão, não raro, mulheres esclarecidas com relação aos direitos femininos são surpreendidas retaliando outras mulheres por conta da roupa que vestem ou da postura sexual. Noutros casos, homens que defendem a

autonomia feminina agridem suas parceiras quando estas demonstram qualquer traço de autodeterminação; pessoas afirmam ter e admirar seus amigos *gays*, mas revelam não desejarem ter um filho homossexual. O movimento de repressão e liberação é tão heterogêneo e desproporcional quanto à identidade construída na rede.

Assim, o ciberespaço, sua simbolização própria e a comunidade que o manipula, deflagra a necessidade de novas e múltiplas formas de interpretação da cultura contemporânea e de revisitação honesta da problemática das relações, legitimando as interações que ocorrem ou decorrem dele como válidas experiências individuais e coletivas.

Referências Bibliográficas

- ATRATOR ESTRANHO. **Tempo real e espaço virtual**. São Paulo: NTC, Ano III, N° 17, outubro de 1995.
- BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- _____. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- CHAUÍ, Marilena. **Simulacro e poder: Uma análise da mídia**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.
- ECO, Umberto. **Travels in hyperreality**. Boston: Mariner Books, 1990.
- FAIRBAIRN, William Ronald Dodds. **Psychoanalytic studies of the personality**. Bury St Edmunds: Tavistock Publications Limited, 1952.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro : Graal, 1988.
- LASCH, Christopher. **A Cultura do narcisismo: A vida americana numa era de esperanças em declínio**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2009.
- OLIVEIRA, Dennis de. **Ideologia e/ou cultura: O mal estar da contemporaneidade**. São Paulo: Revista Alterjor, Ano 1, Volume 1, Ed. 00, agosto/dezembro de 2009.
- PIERCE, Charles Sanders. **Semiótica (The Collected Papers of Charles Sanders Peirce)**. São Paulo: Perspectiva, Coleção Estudos, 2000.
- SANTAELLA, Lucia. **Navegar no Ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.
- _____. **A ecologia pluralista das mídias locativas**. Porto Alegre: Revista FAMECOS, N° 37, p. 20 – 24, dezembro de 2008.
- TAVERNARI, Mariana Della Dea. **Blogs íntimos: Percursos de sentido no contexto discursivo do meio digital**. São Paulo, 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo.
- VIRILIO, Paul. **Cibermundo: A política do pior**. Lisboa: Teorema, 2000.